



BOLETIM DE COMÉRCIO  
EXTERIOR DA BAHIA  
OUTUBRO 2022

# Sumário

## Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Outubro 2022, **3** Importações, **8**

### Apêndice A – Outubro 2022

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Balança - Brasil X Bahia
- Tabela IV - Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela VI - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela VII - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela IX - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela X - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela XII - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XIII - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XVI - Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVIII - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XIX - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XX - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

### Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Outubro de 2022

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela IV - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela V - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VI - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela VII - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela IX - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela X - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XIV - Importações nordestinas por estado
- Tabela XV - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVI - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XVIII - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos



**Governo do Estado da Bahia**  
Rui Costa

**Secretaria do Planejamento**  
Cláudio Ramos Peixoto

**Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia**  
José Acácio Ferreira

**Diretoria de Indicadores e Estatística**  
Armando Affonso de Castro Neto

**Coordenação de Acompanhamento Conjuntural**  
Arthur Souza Cruz Junior

**Coordenação Editorial**  
Arthur Souza Cruz Junior

**Elaboração Técnica**  
Arthur Souza Cruz Junior  
Henrique Rocha Reis (estagiário)

**Editoria-Geral**  
Luzia Luna

**Coordenação de Produção Editorial**  
**Editoria de Arte**  
**Projeto Gráfico**  
Ludmila Nagamatsu

**Revisão Ortográfica**  
**Editoração**  
EGBA

# Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Outubro 2022

As exportações baianas somaram US\$ 1,1 bilhão no mês passado, com alta de 15% sobre o mesmo mês de 2021. Já as importações alcançaram US\$ 749,4 milhões e tiveram a primeira queda no ano de 5,3% sobre outubro do ano passado.

No acumulado de 2022, as exportações baianas somaram US\$ 11,7 bilhões, alta de 41,3% no comparativo interanual, o que já supera em outubro o recorde anual obtido em 2011 que foi de US\$ 10,94 bilhões. Já as importações ficaram em US\$ 9,75 bilhões, também recorde histórico, com aumento de 58,9% sobre o mesmo período de 2021. O recorde anual anterior das importações foi obtido em 2014 quando chegaram a US\$ 9,29 bilhões.

Com esses resultados, nos primeiros dez meses do ano, a balança comercial do estado acumulou saldo positivo de US\$ 1,95 bilhão, com redução de 8,9%, enquanto que a corrente de comércio também estabeleceu novo recorde de US\$ 21,45 bilhões e crescimento de 48,8%, todos em relação a igual período do ano passado.

A dinâmica das exportações no mês foi explicada por uma alta de 8,4% no volume exportado (quantum) enquanto a média dos preços dos produtos subiram menos: 6%, já reflexo da desaceleração do comércio e da economia global.

No recorte por atividade econômica, houve avanço nas exportações de agropecuária (+28,2%) e da indústria de transformação (+18,6%). A indústria extrativa, por sua vez, recuou 38% no valor exportado, mais uma vez devido à queda de preços do minério de ferro no mercado internacional.

No mês, a queda no valor das importações foi motivada por uma redução de 46,2% nas compras de produtos intermediários – que responderam por 51,3% do total das compras externas do estado no mês e de 23% no volume comprado. Os preços médios das importações em outubro permaneceram acima em 23% aos praticados no mesmo mês de 2021.

As exportações baianas para China, principal destino dos produtos baianos, subiram 19,2% em outubro, em relação ao mesmo mês no ano anterior. Já as vendas totais para a Ásia escalaram 14,7%.

As exportações para a China cresceram menos que nos últimos dois meses, puxados pelas vendas de soja, celulose, algodão e químicos. Essa redução pode estar vinculado a uma redução na demanda chinesa já que o país vinha realizando uma série de lockdowns nos últimos meses, especialmente em outubro.

**Tabela 1 – Balança comercial  
Bahia – Jan.-out. 2021/2022**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %
Exportações	8.280.206	11.701.747	41,32
Importações	6.135.630	9.747.184	58,86
Saldo	2.144.576	1.954.563	-8,86
Corrente de comércio	14.415.836	21.448.931	48,79

Fonte: ME/Secint/Secex/Sitec, dados coletados em 03/11/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

As exportações da China para todo o mundo diminuíram inesperadamente em outubro, em um sinal de que o comércio global está em forte retração à medida que consumidores e empresas reduzem os gastos como resposta às medidas agressivas dos bancos centrais para conter a inflação.

As exportações chinesas em dólares caíram 0,3% ao ano em outubro, segundo dados oficiais divulgados ontem, bem abaixo da previsão dos economistas de alta de 4,5% e do ganho de 5,7% em setembro. Foi a primeira queda nas exportações desde maio de 2020.

Os embarques da China para os Estados Unidos caíram 13% ao ano em outubro, o terceiro mês de queda, enquanto as vendas para a União Europeia (UE) caíram 9%.

O comércio ajudou a dar suporte à sua economia chinesa durante a pandemia. Suas exportações dispararam em 2020 e 2021, com os mercados globais passando a comprar bens em vez de serviços.

Mas os dados mais recentes destacam a exposição do país a uma desaceleração global, à medida que outras grandes economias aumentam as taxas de juros para combater a inflação mais alta. Ao contrário da China, a maioria dos países removeu amplamente as restrições relacionadas à covid.



A queda das exportações chinesas contribui para o pessimismo sobre a economia mundial no momento em que líderes dos 20 países mais avançados do mundo (G-20) se preparam para uma reunião na Indonésia na próxima semana.

Um mercado de trabalho dinâmico nos EUA dá sinais de esfriamento enquanto o Federal Reserve (Fed) aumenta as taxas de juros para conter a inflação. Muitos economistas esperam por uma recessão no país nos próximos 12 meses.

A Europa se prepara para um inverno difícil depois que a Rússia decidiu estrangular o fornecimento de energia em resposta às sanções impostas por causa da guerra na Ucrânia. O Banco Central Europeu (BCE) aumentou taxas de juros em 0,75 ponto percentual pela segunda vez seguida em outubro, mas sinalizou mais preocupações com o crescimento da economia, levando a especulações entre os investidores de que ele poderá em breve diminuir o ritmo do aumento das taxas de juros.

Para a China, a segunda maior economia do mundo, a grande retração da demanda por seus produtos no exterior remove um importante motor de seu crescimento no momento em que sua economia é pressionada pela política de “covid-zero” e por uma grave crise no setor imobiliário.

Autoridades de saúde chinesas disseram que o país manterá sua dura estratégia de combate à covid, frustrando as esperanças dos últimos dias, de uma flexibilização da política para a covid. O afrouxamento significativo das restrições contra a covid provavelmente só ocorrerá no segundo trimestre do ano que vem e assim, uma recuperação significativa do consumo poderá ocorrer apenas no segundo semestre de 2023.

Além das restrições contra a covid e a crise imobiliária, outros pilares do crescimento também estão com problemas: os empréstimos bancários encontram-se nos menores níveis em cinco anos e as exportações caíram em outubro pela primeira vez desde maio de 2020.

Com o crescimento perdendo força nos EUA, Europa e China, economistas estão pessimistas com as perspectivas para a economia mundial neste ano e no próximo. O Fundo Monetário Internacional (FMI) alertou no

mês passado que “o pior ainda está por vir”, afirmando acreditar que o PIB global crescerá 3,2% este ano, para depois cair para 2,7% em 2023.

Outra questão importante tem a ver com as mudanças climáticas que representam uma ameaça existencial para as economias, enquanto um comércio mundial fragmentado em blocos amplia o risco de atrasar e tornar mais cara a transição para uma economia verde.

A fragmentação das cadeias de abastecimento em grupos regionais e o reshoring [relocalização] da manufatura correm o risco de atrasar a transição para uma economia verde e torná-la muito mais cara.

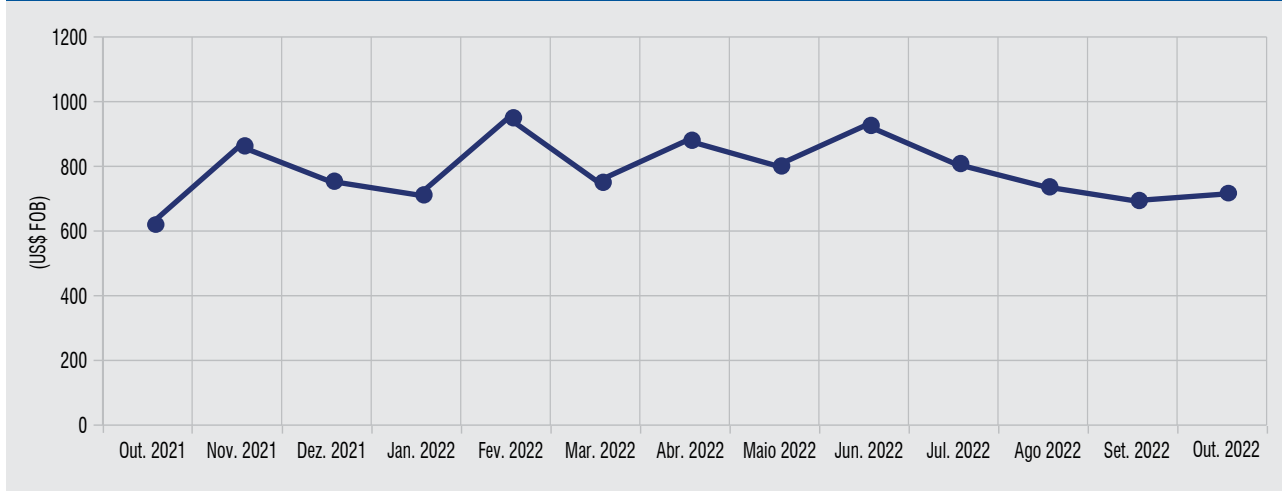
O combate à mudança climática é um problema dos bens comuns globais e requer cooperação entre todas as principais economias. Para a OMC, na ausência de cooperação global estratégica entre os países em torno de políticas climáticas ambiciosas, não será alcançado o objetivo de Paris de limitar o aumento da temperatura global abaixo de 2º C.

Em recente estudo, a OMC alertou que uma fragmentação do comércio internacional em blocos poderia reduzir o PIB global em 5% no longo prazo, restringindo a concorrência e sufocando a inovação. A perda de renda com essa situação seria especialmente grave às economias emergentes e em desenvolvimento.

A OMC constata que temperaturas mais elevadas, aumento dos níveis do mar e eventos climáticos extremos mais frequentes provocam perdas de produtividade, escassez de produção, destroem infraestrutura e transporte e provocam rupturas nas cadeias de fornecimento.

Sem redução significativa das emissões de gases de efeito estufa, muitos países deverão sofrer mudanças nas vantagens comparativas, com agricultura, turismo e alguns setores da indústria particularmente vulneráveis aos impactos climáticos, diz a entidade.

A OMC defende que os países eliminem as tarifas para a entrada de bens e serviços ambientais para lutar contra a mudança climática. Calcula que isso impulsionaria as exportações desses produtos em 5% até 2030 e levariam a uma redução líquida de 0,6% nas emissões globais de carbono.

**Gráfico 1 – Evolução dos preços médio mensal das exportações baianas – 2021-2022**

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 08/11/2022.  
Elaboração: SEI.

Os preços médios de exportação continuam com tendência de baixa pelo quarto mês consecutivo, tendo em outubro/22 registrado queda de 0,28% em média ante setembro e aumento de 10% em relação a outubro/21. Esse aumento em relação ao mesmo mês do ano passado é que vem se mantendo constante, mas cada vez em percentual menor, resultado na medida em que a base de comparação se eleva o que aconteceu a partir do terceiro trimestre de 2022.

Custos mais altos e valorização do real frente ao dólar contribuíram para tirar parte da margem de ganho do exportador até o terceiro trimestre do ano, apesar de preços favoráveis. De janeiro a setembro, o índice de rentabilidade do total das exportações brasileiras caiu 3,9% contra iguais meses do ano passado. O resultado mostra que o ganho com a elevação de 15,2% nos preços

médios em dólar de exportação não foi suficiente para mitigar os efeitos do aumento de 15,4% nos custos de produção e da valorização nominal de 3,7% da moeda nacional frente ao dólar em igual período.

Em setembro, na comparação com igual mês do ano passado, a rentabilidade das exportações totais caiu 4%, com dinâmica parecida dos componentes que influenciam na margem do exportador, embora com variações de magnitude bem menor. Em setembro, na comparação interanual, a alta de 5,5% dos preços de exportação não foi suficiente para anular os efeitos do aumento de 8,8% nos custos de produção e da valorização cambial de 1%. Os dados foram divulgados pela Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex).

**Tabela 2 – Exportações baianas  
Principais segmentos – Jan.-out. 2021/2022**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2021	2022			
Petróleo e derivados	1.057.600	3.230.087	205,42	27,60	51,48
Soja e derivados	2.147.214	2.920.766	36,03	24,96	25,01
Químicos e Petroquímicos	1.065.176	1.290.941	21,20	11,03	22,66
Papel e celulose	811.841	1.039.086	27,99	8,88	14,97
Algodão e Seus Subprodutos	475.455	571.947	20,29	4,89	24,68
Minerais	468.290	516.817	10,36	4,42	55,52
Metalúrgicos	567.648	461.500	-18,70	3,94	-4,77
Metais Preciosos	436.753	449.552	2,93	3,84	62,20
Café e Especiarias	144.942	209.521	44,56	1,79	62,50
Cacau e Derivados	184.515	168.919	-8,45	1,44	2,37
Borracha e Suas Obras	127.798	155.993	22,06	1,33	19,15
Frutas e Suas Preparações	153.915	135.313	-12,09	1,16	-4,13
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	223.475	113.242	-49,33	0,97	15,96
Calçados e Suas Partes	48.240	82.037	70,06	0,70	19,91
Sisal e Derivados	61.796	67.586	9,37	0,58	10,22
Couros e Peles	56.625	54.253	-4,19	0,46	16,90
Carne e Miudezas de Aves	30.941	26.122	-15,58	0,22	4,40
Fumo e Derivados	18.112	15.902	-12,20	0,14	14,58
Demais Segmentos	199.871	192.163	-3,86	1,64	-0,72
<b>Total</b>	<b>8.280.206</b>	<b>11.701.747</b>	<b>41,32</b>	<b>100,00</b>	<b>17,61</b>

Fonte: : ME/Secint/Secex/Sitec, dados coletados em 04/10/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>.  
Elaboração: SEI.

Os derivados de petróleo continuam na liderança da pauta de exportações baianas no ano, com vendas de US\$ 3,23 bilhões e crescimento de 205,4% frente a igual período do ano passado. O setor está sendo um dos principais responsáveis pelo bom desempenho das vendas externas baianas no ano, uma vez que a Refinaria de Mataripe, mais que duplicou o volume exportado de derivados de petróleo (101,6%), elevando as exportações do segmento para 4,4 milhões toneladas no período.

Esse desempenho do refino não só elevou as exportações da indústria de transformação na Bahia no período como também fez crescer a produção física da mesma indústria na Bahia, que cresceu 6,8%, enquanto a indústria nacional caiu 0,7%. O resultado do bom desempenho do segmento de Refino de Petróleo e Biocombustíveis tem apresentado sucessivos ganhos desde o início deste ano. No acumulado de 12 meses, dos 7 segmentos mais importantes da indústria (em termos de VTI), somente o segmento de Refino apresenta

crescimento, mas com alta expressiva (+28,6%). Por conta disso, a expectativa é que a indústria de transformação baiana registre crescimento em 2022.

As exportações do agronegócio baiano alcançaram US\$ 5,25 bilhões no acumulado do ano até outubro, 27,1% mais que um ano antes. Tanto os preços médios dos produtos exportados quanto os volumes aumentaram as altas foram de 18,3% e 7,4%, respectivamente colaborando para o resultado, principalmente pelo efeito preço. Com esses resultados, a participação do agro nas exportações totais da Bahia atingiu 44,9% no período.

O complexo soja continua sendo o principal produto de exportação do setor, com vendas de US\$ 2,92 bilhões no período e incremento de 36% em relação ao mesmo período de 2021. Por causa do tempo da safra, plantada e colhida mais cedo em relação ao ano passado, as vendas foram volumosas atingindo no ano, até setembro 5 milhões de toneladas, com uma variação positiva de 8,8% ante igual período de 2021.

De acordo com o décimo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para 2022, relativo ao mês de outubro, o volume colhido da soja ficou mantido em 7,2 milhões de toneladas, o que corresponde a 6,0% acima do verificado em 2021. Dessa forma, a safra da oleaginosa atingiu safra recorde pelo terceiro ano consecutivo. A área plantada no estado ficou projetada em 1,8 milhão de hectares (7,2% superior ao observado em 2021).

As vendas da produção de soja que será colhida nesta safra 2022/23, que está em fase de plantio, caminham a passos lentos. Segundo a Safras & Mercado, até o dia 7 de novembro, a comercialização antecipada no país chegou a 20,6% da produção prevista, menos que os 30,6% observados em igual período do ano passado e bem abaixo da média dos últimos cinco anos (34,2%). Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a colheita, que foi de 125,6 milhões de toneladas no ciclo 2021/22, deverá alcançar 153,5 milhões de toneladas nesta safra

O setor químico/petroquímico mantém o melhor desempenho dentre os manufaturados (excetuando o refino) com vendas de US\$ 1,29 bilhão, 21,2% acima de igual período do ano anterior.

A China, que ocupa desde 2012 o posto de principal comprador dos produtos baianos, permanece na liderança dentre os principais destinos para as vendas externas da Bahia no período, com compras que totalizaram US\$ 2,83 bilhões. Esse valor foi 20,7% maior que em igual período do ano anterior.

Como esperado, a atividade econômica da China enfraqueceu em outubro sob o impacto sobre os consumidores da política dura de combate à covid-19 e da crise no setor imobiliário. Além das restrições contra a covid e a crise imobiliária, outros pilares do crescimento também estão com problemas: os empréstimos bancários encontram-se nos menores níveis em cinco anos e as exportações caíram em outubro pela primeira vez desde maio de 2020.

A China é um importante componente do comércio global. Em ritmo mais lento, traz impactos à atividade de uma gama de países, inclusive os emergentes, o que deve trazer desaceleração nas vendas da Bahia ao país.

Singapura permanece na segunda posição como maior importador de produtos do estado, devido ao crescimento vertiginoso nas exportações de petróleo e derivados no período, que representaram 99,1% das vendas ao país asiático. O país respondeu por 14,6% das exportações baianas no período, desbancando os Estados Unidos de segundo maior parceiro comercial da Bahia.

As importações baianas em outubro tiveram queda em relação a igual mês do ano passado em 5,3%, o que não acontecia desde fevereiro de 2021. Apesar da queda, a perspectiva é que ao fim de 2022 se mantenha em nível robusto, atingindo recorde histórico.

As compras externas no ano permanecem puxadas por combustíveis (incluindo a nafta), tanto pelo cenário externo quanto pela ocorrência de parada para manutenção e interrupções no segmento de refino capitaneado pela Acelen e fertilizantes com 53,7% e 10% respectivamente. O crescimento, em relação ao ano passado, chega a 132,4% e 178,3% também respectivamente.

Apesar do aumento dos preços de importação, a expectativa de incremento das compras externas, também tem seu componente puxado pela quantidade, em alguns itens. Isso é um bom sinal, de certa forma, porque, apesar dos gargalos logísticos e dos receios iniciais em relação à oferta de certos insumos, os desembarques de combustíveis, adubos e fertilizantes e manufaturados estão acontecendo, embora com preços mais altos.

Dentre os bens intermediários, que cresceram 35% no acumulado até outubro, destacam-se os já citados fertilizantes, trigo, células fotovoltaicas montadas em módulos ou em painéis e máquinas, partes, ecas e equipamentos. No cômputo geral, houve aumento de 19,3% no volume desembarcado e alta de 58,7% nos valores, o que já revela aumento do nível dos preços muito superior ao verificado nas exportações no comparativo interanual: 33,2%.

A corrente de comércio do estado, que demonstra o grau de integração da economia ao fluxo internacional, avançou 48,8% até outubro, totalizando US\$ 21,5 bilhões e se encaminhando para também bater seu recorde histórico. Esse indicador é considerado importante, porque mede o dinamismo do comércio exterior do estado, bem como sua contribuição para o ritmo da atividade econômica. Já o saldo comercial do estado no período chegou a US\$ 1,95 bilhão, resultado 8,9% inferior a igual período de 2021, resultado do avanço, este ano, proporcionalmente maior das importações do que das exportações.

**Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-out. 2021/2022**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	4.679.247	6.317.168	35,00	64,81
Combustíveis e Lubrificantes	855.881	2.859.572	234,11	29,34
Bens de Capital (BK)	408.575	402.509	-1,48	4,13
Bens de Consumo (BC)	191.922	154.464	-19,52	1,58
Bens não especificados anteriormente	4.352,000	13.472	209,55	0,14
<b>Total</b>	<b>6.139.978</b>	<b>9.747.184</b>	<b>58,75</b>	<b>100,00</b>

Fonte: ME/Secint/Secex/Sitec, dados coletados em 03/11/2022,  
Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia  
OBS.: importações efetivas, dados preliminares.





SECRETARIA DO  
PLANEJAMENTO

